

Unfair players, ou “Da copa eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”: transformações nas formas de torcer/protestar a partir das reformas dos estádios para a Copa do Mundo 2014

*Unfair players, or “I give up on the World Cup, I want money for health care and education”:
Changes in forms of cheering/protesting from the renovations of the stadiums for the 2014 World Cup*

Pedro Silva Marra

Universidade Federal Fluminense

Jornalista, graduado em Comunicação Social pela UFMG (2004), mestre pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Fafich, UFMG. Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Bolsista Demanda Social Capes. É membro da Associação Filmes de Quintal que produz o Festival do Filme Documentário e Etnográfico, Fórum de Antropologia, Cinema e Vídeo. Pesquisador do grupo Centro de Convergência de Novas Mídias UFMG, do Laboratório Cartografias Urbanas

Resumo

As reformas nos estádios de futebol para a realização da Copa do Mundo 2014 no Brasil vêm impactando e transformando as formas de se torcer e de demonstrar a paixão pelo esporte e pela equipe do coração no espaço da arquibancada. Tais transformações também encontram coro fora dos estádios, em manifestações da população nas ruas das cidades sede do Mega-evento. Este artigo busca tratar destes processos a partir da escuta das dinâmicas de produção sonora nestes dois espaços. Para tanto, serão utilizadas observações e gravações de áudio realizadas em pesquisa de doutorado que realizamos sobre as sonoridades dos estádios de futebol durante as partidas que aí ocorrem.

Palavras-Chave: Copa do Mundo 2014; manifestações de junho; sonoridades

Abstract

Reforms in soccer stadiums for 2014 World Cup in Brazil are impacting and transforming the ways to cheer and demonstrate passion for the sport and soccer teams in the bleachers area. Such transformations are also heard outside the stadium in demonstrations in the streets arranged by the population of the mega-event host cities. This paper aims to address these processes from listening the dynamics of sound production in these two spaces. In order to do that, we refer to observations and audio recordings made on doctoral research we conduce on the sounds of soccer stadiums during matches.

Keywords: 2014 World Cup; june demonstrations; sonorities

Introdução

Aos dois minutos do primeiro tempo, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense marcou seu primeiro gol sobre o Club de Regatas Vasco da Gama, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro 2006, disputada em sete de maio daquele ano, na capital gaúcha. O setor da torcida que concentrava-se atrás do gol, junto ao portão 10 do antigo Estádio Olímpico Monumental corre em direção ao muro de concreto que separa a geral – região do público do estádio mais próxima do gramado, onde torce-se em pé – do campo e ali se amontoa, comemorando o tento anotado, em uma coreografia, única no Brasil, mas tradicional entre os torcedores tricolores, conhecida como avalancheⁱⁱ. A Geral do Grêmio, torcida que realiza a dança, possui características diferentes das demais organizadas do país: é livre de adesão, não cobra mensalidade, não tem uniforme ou controle de quem participa, contando com variadas faixas, bandeiras e flâmulas confeccionadas e dispostas no estádio pelos próprios torcedores. O grupo se auto-intitula uma barra-brava, forma como se organizam as torcidas em grande parte da América Latina, sobretudo na Argentina, marcadas por cantar durante toda a partida.

A aparente selvageria segura da primeira cena se transforma em perigo iminente no dia 30 de janeiro de 2013, quando o Grêmio marca seu único gol contra a LDU do Equador, em partida válida pela Copa Libertadores da América, disputada no novo estádio do clube, a Arena Grêmio. Na ocasião, a Geral do Grêmio corre em direção ao alambrado de metal, da altura da cintura, que cede à pressão do grande número de pessoas, fazendo com que alguns torcedores caiam em um espaço entre a geral e o campo, se machucando levementeⁱⁱⁱ. O novo estádio construído em substituição ao antigo foi elaborado segundo as diretrizes mais modernas de segurança, estabelecidas pela FIFA, entidade internacional que regula a prática esportiva do futebol, para que recebesse eventos e partidas internacionais. O ocorrido, contudo, demonstra que estas modernas normas, não são compatíveis com as antigas formas de torcer. A geral da Arena Grêmio, é fechada para receber cadeiras, o que impede a realização da Avalanche.

Às vésperas da Copa do Mundo do Brasil, em 2014, o futebol vem passando por rápidas e profundas transformações infra-estruturais e organizacionais, que impactam de maneira radical as dinâmicas do jogo, em especial as formas de torcer. De um lado, as reformas nos estádios, que visam maior conforto e segurança para os torcedores, rearranjam não só o posicionamento dos grupos torcedores nas arquibancadas, mas também produzem sanções: equipes foram obrigadas a mandar suas partidas em outras cidades; torcidas organizadas são impedidas de entrar com bandeiras nos estádios recém reformados, sob o argumento de que estes objetos dificultam a visibilidade da partida, etc. De outro, a redução da capacidade dos estádios, o encarecimento dos ingressos, a criação de programas de fidelização de torcedores pelos clubes e a realização de “jogos de torcida única” entre equipes da mesma cidade, vêm alterando o perfil dos torcedores que

frequentam os estádios e as formas de demonstrar a paixão pelo esporte.

Estudar o futebol no momento em que os novos estádios para a Copa das Confederações e a Copa do Mundo são entregues ao público, significa, “fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224). O objetivo deste trabalho é abordar algumas transformações que já são possíveis de se perceber nos novos estádios reformados para a Copa do Mundo e no cotidiano das cidades sede. Em um primeiro momento, focaremos as dinâmicas do torcer – sobretudo suas práticas sonoras, no contexto contemporâneo em que fluxos de capital invadem a prática esportiva, explorando as relações entre os torcedores e a partida, buscando perceber de que forma estas três instâncias constroem-se mutuamente, mediadas pelo amor e pelo fascínio pelo esporte. Em seguida, exporemos as transformações nas formas de torcer, materializadas nas sonoridades produzidas nas arquibancadas de dois estádios da região da cidade de Belo Horizonte (Arenas Independência e Minas – antigo Mineirão), ocasionadas pela reforma destes espaços, em decorrência da Copa do Mundo no país, agendada para o ano de 2014. Finalmente, discutiremos as manifestações e passeatas ocorridas no mês de junho, durante a Copa das Confederações, como mais um capítulo das dinâmicas de poder no mundo contemporâneo. Para tanto, serão utilizadas observações e gravações de áudio realizadas em pesquisa de doutorado que realizamos sobre as sonoridades dos estádios de futebol durante as partidas que aí ocorrem.

Grupos torcedores, práticas sonoras de torcer e fluxos globais de capital

Diversas são as figurações de uma torcida de futebol, em um estádio, durante uma partida. Ao imaginar a arquibancada cheia, tendemos a compartimentá-la em diversos grupos: torcidas organizadas, “organizações torcedoras pautadas em projetos coletivos, organizadas espacial e materialmente” (TOLEDO, 1996, p. 13); charangas, formações instrumentais compostas de instrumentos de percussão, de metal e de sopro; grupos de famílias e amigos torcedores, etc. Neste caso, torcer para times de futebol aparece como uma prática cultural urbana, com destaque para os processos identitários e de sociabilidade nela envolvidos (DA MATTA, 1982; DAOLIO, 2005; DAMO, 2005). Cada forma específica de torcer unifica-se em um “povo”, como conceituam Michael Hardt e Antônio Negri. A partir de diferentes formas uniformes de manifestar a paixão por um clube de futebol, cada um desses grupos “sintetiza ou reduz essas diferenças sociais a uma identidade” (HARDT e NEGRI, 2005, p. 139).

Ao observarmos, contudo, uma partida de futebol, percebemos o equívoco que seria pensá-la somente sob o signo da identidade. Ao olhar o conjunto da arquibancada percebemos um amontoado indistinto de pessoas unidas pela paixão por uma mesma equipe. Tal visão de caos se torna mais nítida ao ver estes torcedores revoltados pela derrota de seu time do coração, o que pode resultar em violência. Então, a identidade antes percebida se dissolve devido à entrega de seus participantes à ira e raiva, produzindo uma ação descoordenada e, talvez por

isso, bastante destrutiva. Plural e caótica, a torcida aparece como massa, turba ou populacho, marcada por certa incoerência e pela dificuldade de identificação de elementos compartilhados em comum. “Os componentes das massas, do populacho e da turba não são singularidades – o que fica evidente pelo fato de que suas diferenças tão facilmente se esvaem nas indiferenças do todo” (HARDT e NEGRI, 2005, p. 140).

Mas em diversos momentos da partida, a torcida se mostra de maneira incrivelmente coordenada para a quantidade de pessoas que aglomera. Quando a equipe é aplaudida, ao entrar em campo; quando um gol é marcado; quando um jogador de bom desempenho na partida ou no campeonato tem o seu nome gritado ao ser substituído; ao vaiar o juiz ou uma cobrança de pênalti do time adversário; nestes momentos, a torcida se mostra como uma multiplicidade, constituída pela resultante de forças em jogo na prática esportiva em questão, mas movimentando-se em uma direção comum, auto-organizada, a partir da paixão pela mesma equipe. Ela aparece, nos termos de Hardt e Negri, como uma multidão, pois ainda que compartilhem momentaneamente um mesmo grito, cada indivíduo que a compõe continua a expressar suas diferenças sociais no momento seguinte, sem ser, com isso, “apenas uma multiplicidade fragmentada e dispersa.” (HARDT e NEGRI, 2005, p. 145)

Estas três abordagens das torcidas podem se suceder no hiato de um átimo de segundo, ou até aparecer simultaneamente. É que a torcida de uma equipe de futebol se apresenta como um somatório, que não necessariamente resulta da adição de suas partes, variando de acordo com os acontecimentos do momento da partida - o uníssono do gol em contraposição à indeterminação sonora do intervalo - e do torneio - a probabilidade de comparecimento de público no estádio variando de acordo com a posição do time na tabela do campeonato, com o preço dos ingressos, com a proximidade de jogos importantes, etc. O que motiva estes grupos a participar das dinâmicas esportivas é o que Gumbrecht chamou fascínio, e que “se refere ao olhar que é atraído – e até paralisado – pelo apelo de algo que é percebido” (GUMBRECHT, 2007, p. 109): um passe em profundidade que desarticula a defesa adversária; um chute certo e inalcançável pelo goleiro, desferido de um ponto improvável do campo; um drible ou acrobacia futebolística desconcertante.

Este fascínio produz amor pelo esporte, e mais especificamente por um time, e opera como o que Hardt e Negri chamam de “comum”, que “não se refere a noções tradicionais de comunidade ou do público; baseia-se na *comunicação* entre singularidades e se manifesta através dos processos sociais colaborativos da produção” (HARDT e NEGRI, 2005, p. 266), e que segundo François Jullien é da ordem do “partilhado e do qual participamos” (JULLIEN, 2009, p. 36). Segundo o autor francês, o comum possui uma dupla face, pois de um lado garante a comunicação entre as diferenças, propiciando a formação da multidão, e de outro fecha as fronteiras do grupo social, separando quem pertence e quem não pertence ao grupo, funcionando, desta forma como vetor da formação do

povo. O comum funda-se na experiência da vida urbana e, segundo Jullien, seu “estágio mais intenso é o comum amoroso” (JULLIEN, 2009, p. 37).

Embora trate da relação entre duas pessoas, tal caracterização do amor como uma espécie de comum está presente no trabalho de Alan Badiou, “Elogio ao amor”, e poderia ser adaptada para se tratar do amor que o torcedor nutre pelo esporte e por uma equipe de futebol. Ao observar a devoção que um torcedor pode dedicar a um time do coração, identificamos “uma vida que se faz, já não pelo prisma do Um, mas pelo prisma do Dois” (BADIOU e TRUONG, 2013, p. 24). Cada vitória ou derrota, cada gol marcado ou sofrido, cada jogo assistido no estádio, rádio ou televisão, marca o encontro do torcedor com sua equipe. Nestes encontros, declara-se o amor pelo futebol, materializado em imagens e sons em que “o acaso é fixado: a absoluta contingência do encontro com alguém que eu não conhecia acaba por assumir ares de destino” (BADIOU e TRUONG, 2013, p. 31). Assim, o torcer se configura como o constante reencontro entre torcedor e equipe, torcedor e futebol, onde se renova e se explora este sentimento. “É nesse poder ser, a ser desenvolvido e não dado como condição prévia, que está o comum” (JULLIEN, 2013, p. 173) do amor e do fascínio pelo esporte cultivado pela torcida enquanto multidão.

Torcer aparece, portanto, como a principal prática disponível a quem acompanha um jogo de futebol para participar das dinâmicas de configuração do espaço do estádio, construindo aí uma topografia afetiva, marcada por diversas formas e intensidades de se demonstrar o afeto a uma equipe de futebol. As práticas de torcer incluem, mas vão além do pertencimento clubístico; “modalidade de envolvimento propriamente intensa, ilusória, equivalente ao que os nativos caracterizam como ‘torcedor fanático’, ‘doente’, ‘cego’, etc” (DAMO, 2005, p. 66) e que se caracteriza pela fidelidade a uma única equipe de futebol, tornando-se elemento constituinte do jogo. É uma espécie de performance do público em resposta aos acontecimentos da partida, do campeonato em curso e das expectativas do que ainda pode acontecer no certame, que ao mesmo tempo estimulam ou inibem a atuação dos jogadores, e constitui-se como forma de sociabilidade entre os torcedores, atuando em suas dinâmicas de coesão na arquibancada, contribuindo em sua figuração como “povo”, “massa” ou “multidão”, mas também buscando influenciar o resultado da partida. Afinal, se como afirma Gumbrecht (2007, p. 119-123), apropriando-se da obra de Kleist, *Sobre o teatro de marionetes*, para que os atletas consigam realizar suas jogadas com precisão e graça - produzindo nos torcedores fascínio pelo esporte - é necessário que alcancem uma certa serenidade, fazemos aqui a aposta de que o torcer compreendido nesta chave do amor, funciona como uma espécie de catalisador destas condições. Em meio ao ruído de apoio do estádio, o jogador da equipe para a qual se torce deixa que sua razão se torne fraca e obscura, surgindo a graça dos movimentos; o jogador adversário se vê capturado pelo insulto, sendo enganado pelo drible. Neste sentido, torcida e equipe amam-se reciprocamente. Apropriando-nos da proposta de Damo (2012, p. 57), segundo o qual “ao invés

de pensar que o jogo cria um público, por que não pensar que o público cria o jogo”, pensamos em como público e jogo criam-se mutuamente a partir do ato de torcer. Neste conjunto de práticas, destacamos as sonoridades (gritos, sinais sonoros e canções) como uma das principais maneiras que os torcedores, ao entoar “cânticos incansáveis durante todo o jogo, empurrando a sua equipe independentemente do resultado” (WISNIK, 2008, p. 337), dispõem para estimular os jogadores na busca da vitória.

Na virada das décadas de 1970 e 80, intensificou-se o já corrente processo de capitalização do futebol profissional. Com a possibilidade de extrair lucros explorando a paixão pelo esporte de seus torcedores, fluxos de capital foram injetados nos clubes, inicialmente europeus, que progressivamente adotaram modelos empresariais de gestão. Ao final da década de 1990, o futebol invade diversas dimensões da vida, de maneira cotidiana: um aficionado por futebol pode assistir partidas durante toda a semana, acompanhando torneios nacionais e internacionais, a programação de canais esportivos de TV a cabo se torna ocupada em sua quase exclusividade por noticiários, debates e exibições de partidas futebolísticas. Isso tudo levou à “ocupação tendencial de todos os níveis do futebol pela sua capitalização, e à ocupação de todas as esferas possíveis pelo jogo, compatibilizando o ‘futebol total’ com uma espécie de *futebolização do mundo*” (WISNIK, 2008, p. 350).

Neste contexto, vemos os grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo, acirrarem também seu caráter capitalista, a partir da elaboração de planos de negócios para a competição, sobretudo a partir da eleição de João Havelange para a presidência da FIFA, em 1974 (WISNIK, 2008, pp. 354-355). A Copa do Mundo e as Olimpíadas, apesar do discurso ecumênico e de integração entre os povos do mundo presente em sua justificação original, tornam-se, em larga escala, lugar para a exibição de marcas e comercialização de produtos, a partir de meados da década de 1970, quando os governos dos diversos países começam a se interessar por organizá-los, como forma de “alavancar o desenvolvimento econômico local por meio da atração de turistas e do reconhecimento midiático para a cidade sede”^{iv} (BURBANK *et alli*, 2002, p. 180). Assim, os grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo, são encarados como uma oportunidade de negócios pelas empresas que os patrocinam, bem como para o capital local que os receberá, e como uma chance de investimentos em infraestrutura e equipamentos urbanos pelas cidades sede, além da possível reinvenção e divulgação de sua imagem e seus sentidos.

Dentre os equipamentos urbanos necessários para a realização de uma Copa do Mundo, destacamos os estádios de futebol, palco das disputas esportivas que acontecem durante a competição. Seguindo a tendência de capitalização do esporte, estas construções também são realizadas no sentido de potencializá-las economicamente, atraindo patrocinadores que comprarão seus direitos de nome, e transformando-as em grandes arenas multiuso, que não mais receberão somente partidas de futebol, mas também eventos culturais – como concertos de

música – e empresariais. Os estádios tornaram-se empreendimentos semelhantes a shoppings centers, com a disponibilização de restaurantes, lojas e museus, que visam a ocupação economicamente viável do tempo ocioso entre as partidas. A infraestrutura para a realização da disputa futebolística é arquitetada sob o signo do conforto e da segurança, de forma a prometer uma melhor experiência para torcer, além de controlar as paixões dos torcedores que, durante a década de 1980 vinham explodindo na violência do hooliganismo e de acidentes causados pela superlotação das arquibancadas ou por danos estruturais dos estádios (CRUZ, 2005).

Para ser um estádio que sedia uma partida de Copa do Mundo, uma arena deve cumprir uma série de exigências da FIFA. Isso inclui, entre outros requisitos, cadeiras individuais de tamanho específico; visibilidade perfeita do campo e presença de sala de controle, com visão panorâmica, de onde se observa o que acontece dentro e fora do estádio^v. Este último detalhe parece aproximar as Arenas Multiuso ao dispositivo Panóptico de Bentham explorado por Foucault (FOUCAULT, 1999), enquanto paradigma arquitetônico dos dispositivos disciplinares. Como veremos a seguir, os novos estádios delineiam técnicas, artifícios e tecnologias que articulam em rede dispositivos disciplinares, de vigilância e de controle, a fim de buscar canalizar as paixões torcedoras no sentido de produzir uma forma específica do espetáculo futebolístico, baseado na sua beleza, ordem e segurança, por um lado; e na otimização dos lucros de seus organizadores e patrocinadores, por outro, ainda que isto não necessariamente acarrete benefícios para os locais em que os jogos acontecem. A tal transformação do espaço corresponde um aumento no preço das entradas para as partidas, o que tem “como efeito o afastamento de uma grande parcela de torcedores que não possui meios de arcar com ingressos mais caros que lhes dêem o direito de acessar os setores remodelados dos estádios” (CRUZ, 2005, p. 73). Tal questão foi sanada inicialmente com a venda de assentos vitalícios do estádio e, em seguida, com a criação de Programas de Sócio Torcedor, que garantiam a entrada nos jogos do clube de coração mediante o pagamento de uma mensalidade. Além disso, proliferam as medidas de segurança para os jogos de futebol, sobretudo naqueles de campeonatos organizados pela FIFA, que envolvem, entre outros, limitação da circulação no entorno do estádio, criação de trajetos diferentes para torcidas rivais, limitação de comércio no entorno dos estádios e cancelamento de eventos e festividades tradicionais em dias de jogo, como aconteceu com as Festas Juninas em Salvador durante a Copa das Confederações.

Transformações nas sonoridades dos estádios de futebol

Os dois estádios de futebol de Belo Horizonte foram reformados em função da Copa do Mundo do Brasil que acontecerá em 2014. Em dezembro de 2008, foi anunciada a reforma do Estádio Independência, situado no bairro do Horto, zona leste de Belo Horizonte, para que o local fosse utilizado por seleções durante a Copa do Mundo 2014 como espaço de treinamento. As obras,

licenciadas em 2009, iniciam-se apenas em 2010, com um ano de atraso. Já a reforma do Estádio Mineirão, localizado na região da Pampulha, se iniciou também em 2010, forçando os clubes de Belo Horizonte a jogar, entre junho de 2010 e abril de 2012, na Arena do Jacaré, situada a 70 quilômetros de Belo Horizonte, também reformulado no ano de 2009. Por motivos de espaço, não trataremos, contudo do caso deste estádio.

O Independência^{vi} foi construído para a Copa do Mundo de 1950, também realizada no Brasil. Apresenta as arquibancadas em forma de ferradura, ao redor das duas laterais do campo e atrás de um dos gols. Originalmente, possuía capacidade para 30 mil pessoas, sem divisão de setores. A arquibancada localiza-se bastante próxima do campo, o que propicia uma grande pressão da torcida sobre os jogadores. Após a reforma, finalizada em abril de 2012, as arquibancadas foram cobertas, setores foram separados e cadeiras disponibilizadas em todo o público. Por medidas de segurança, foram construídas grades nas arquibancadas superiores, que criaram pontos cegos, prejudicando a visibilidade da partida – fator que inclusive ocasionou preços mais baixos aí. A Arena, que pertence ao América Futebol Clube, foi, cedida ao governo do Estado, que por sua vez o cedeu por comodato à administradora particular BWA. Esta firmou acordo de parceria com o Clube Atlético Mineiro (Galo), que desde 2012 manda seus jogos na nova Arena Independência, e a explora financeiramente, em conjunto com a referida empresa.

Já o Mineirão^{vii} foi inaugurado em 1965 para ser o maior estádio de Minas Gerais. Embora sua capacidade inicial fosse de 120 mil pessoas, reduzida seguidamente, o estádio registrou seu maior público em 1997, em uma final de Campeonato Mineiro, disputada entre Cruzeiro e Vila Nova, com mais de 132 mil espectadores. A arquibancada coberta apresenta formato de anel superior, bastante distante do gramado, com as chamadas gerais, separadas do campo por um fosso. Após as obras para a nova Arena, a capacidade do estádio foi reduzida para aproximadamente 66 mil torcedores, todos cobertos e com cadeiras, seguindo o padrão FIFA. Atualmente, o Cruzeiro manda suas partidas no estádio, mas quando necessário, o Galo também joga lá.

Desde 2008 realizamos observações em partidas de futebol do Galo nestes dois estádios que servirão de base para as análises que seguem. No Mineirão, foram observadas 3 partidas antes de sua reforma (contra Vila Nova, em 28 de Março, Campeonato Mineiro – CM - de 2009, Náutico, em 14 de junho, Campeonato Brasileiro – CB - 2009 e Ceará, em 6 de junho, CB 2010, observação realizada com gravação de som) e uma após sua reinauguração (contra Vila Nova, em 21 de abril, pelo CM 2013). Enquanto isso, na Arena Independência foram realizados oito trabalhos de campo, todos após sua reforma (contra Guarani de Divinópolis, em 3 de Março, CM 2013, somente observação; Atlético Paranaense, em 31 de julho, Santos, em 29 de setembro, Flamengo, em 20 de outubro e Vitória, em oito de dezembro, todos pelo CB 2013; contra Independiente Santa Fé, em 26 de fevereiro e Nacional do Paraguai, em 19 de Março, ambos

pela Copa Libertadores da America, 2014 e contra Cruzeiro, em 14 de fevereiro, CM 2013 - todas com gravação). A partir destas observações e gravações, buscaremos agora realizar uma síntese do que pudemos notar com relação às novas condições de produção e dispersão de som no espaço da arquibancada.

No Mineirão, as modificações foram notáveis. Embora a capacidade de torcedores tenha se reduzido, o estádio ficou com um aspecto de maior amplitude. A maior divisão de setores também é de se ressaltar: antes da reforma, havia apenas duas divisões na arquibancada, com entradas por portões diferentes se comunicando dentro do setor; atualmente, são quatro setores distintos nas arquibancadas superiores e as antigas gerais, que não vinham sendo utilizadas, se transformaram nas arquibancadas inferiores, também dividida em quatro setores, espaço mais nobre do estádio, exatamente por sua proximidade dos jogadores. A entrada no estádio está mais complicada: é necessário passar por duas filas para entrar, a primeira do portão e a segunda da catraca eletrônica. No jogo que acompanhamos no ano de 2013, ainda entravam torcedores no estádio quando a partida começou – as arquibancadas só encheram após a metade do primeiro tempo. Um outro fato que explica a questão é a proibição de vendedores ambulantes ao redor do estádio: anteriormente, torcedores esperavam até os últimos minutos antes do início da disputa para entrar, aproveitando o tempo para beberem cerveja vendida por ambulantes; agora, continuam fazendo o mesmo, mas nos bares, mais distantes dos portões do estádio.

No que diz respeito às dinâmicas de produção e dispersão do som, também constatamos diferenças drásticas. Em todas as oportunidades que acompanhamos partidas no Mineirão, estivemos nas antigas arquibancadas, atuais arquibancadas superiores. A amplitude do novo Mineirão deixou os diferentes setores distantes entre si. Desta forma, tornou-se difícil que sons produzidos do outro lado da arquibancada chegassem até onde nos encontrávamos; na arquibancada superior atrás de um dos gols, não foi possível escutar o que cantava a Galoucura, principal organizada do time, nos assentos inferiores atrás do outro gol. Isto não acontecia no velho Mineirão, onde as organizadas realizavam a tarefa de orquestrar os torcedores como um todo, contagiando-os com canções e gritos de guerra específicos.

Outro fato a notar foi a realização da Ola, coreografia em que torcedores levantam sincronizadamente, erguendo as mãos, a fim de fazer o mar de gente presente movimentar-se como onda. No antigo Mineirão, o setor da arquibancada que anunciava a Ola não era o que a iniciava. Nestas ocasiões, a coreografia deu duas voltas inteiras nas arquibancadas. No novo Mineirão, o setor que a anunciou, a começou. Foram necessárias duas tentativas para que conseguisse dar uma volta no estádio – na primeira, a onda desfez-se na metade do percurso. De forma geral, a torcida soou menos agitada, mais descoordenada, menos ruidosa no novo Mineirão do que no antigo. Para além da amplitude do estádio, nos parece coerente acreditar que a presença de cadeiras é um fator na equação que determinou tal mudança sonora. As cadeiras do novo Mineirão obrigam que os

torcedores fiquem sentados – estado corporal de menor excitação - a maior parte do tempo, por uma questão de distribuição do espaço e para não afetar a visibilidade dos outros torcedores. O movimento de sentar-se e levantar-se, de acordo com os acontecimentos da partida, tornou-se muito mais raro, o que influencia as dinâmicas de produção de som: anteriormente, levantava-se assim que se iniciava um novo ataque do time para o qual se torce; atualmente, a torcida só se levanta quando a bola aproxima-se da grande área adversária.

Por outro lado, percebemos que a interação torcida/jogadores permaneceu intacta, talvez mais íntima. Nota-se na última observação, a relação entre torcedores e o jogador Ronaldinho Gaúcho. Quando este levantava os braços, pedindo apoio, a torcida gritava. Três momentos do jogo comprovam esta situação. No primeiro, ao conseguir um escanteio, o jogador corre para a cobrança e ergue os braços. A arquibancada inferior, próxima a bandeira de escanteio imediatamente aplaude e incentiva. No segundo, o jogador Guilherme erra o alvo em um chute, emendando de primeira um cruzamento, e a torcida vaia. Ronaldinho o aplaude e a torcida cessa a vaia e começa também a aplaudir. No gol de desempate da partida, Ronaldinho vai comemorar junto do companheiro Rosinei, que havia marcado o tento. Ele ergue os braços de Rosinei e aponta o jogador. A torcida aplaude esfuziantemente e grita o nome deste. Para além da figura de liderança que Ronaldinho representa para o Atlético atualmente, a maior visibilidade do estádio e a proximidade das arquibancadas inferiores contribuem para esta intensa interação dos torcedores com os jogadores.

Por motivos diferentes, a torcida também parece escutar com dificuldades outros setores da arquibancada no novo Independência. Seu espaço foi bastante modificado: as arquibancadas continuam em forma de ferradura, mas se anteriormente eram descobertas, hoje são cobertas e cercadas por muros altos, que não só separam o estádio da rua, mas também sustentam os setores superiores; as cadeiras, embora presentes, não são tão utilizadas, os torcedores ficam em pé em cima delas. O resultado é a formação de uma grande caixa de ressonância, onde o som reverbera por todo lado. Assim, todo o som ali produzido é amplificado, por um lado, mas por outro perde sua referencialidade: temos dificuldade de identificar de que ponto exato vem. A torcida, neste sentido, se intensifica, mas se desordena, já que a dessincronia torna difícil compreender não só o que se canta, mas também em que ponto da canção se está.

O eco, enquanto um som que se expande de acordo com as dinâmicas acústicas de um espaço dado, pode ser escutado como a multiplicação proliferante – a divisão do vetor do som em múltiplos eventos, transformando um som simples em uma mise-en-scène de figuras auditivas. Ele desorienta a origem, suplantando a fonte sonora com um arranjo de projeções e propagações. (LABELLE, 2010, p. 40).

Por outro lado, esta intensificação do torcer, já presente na antiga arquitetura do local devido a proximidade da arquibancada e do campo, produz no espaço um ambiente infernal para o adversário e de maximização de estímulo

para o time da casa. Tais fenômenos parecem possuir íntima conexão com o fato de o Atlético ter passado mais de um ano sem perder na Arena, já que à maneira do “auditório que de repente se enche com música” (IHDE, 2007, p. 71), o eco faz o estádio parecer mais cheio de torcedores.

Tais mudanças nas formas de torcer parecem intimamente ligadas com as normas de segurança vigentes a partir da escolha do país como sede da Copa do Mundo de 2014. A presença de cadeiras numeradas em todos os assentos, câmeras de vigilância, dificuldade de comunicação entre os setores da arquibancada, etc., aparecem neste contexto como um conjunto de intervenções baseadas em saberes técnicos, referidos à arquitetura dos espaços, que “organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente” (FOUCAULT, 1999, p. 166). As cadeiras trancam os torcedores em celas, reduzem sua mobilidade, além de vincularem sua presença a um número identificável. Sair da cadeira se torna difícil, seja porque é necessário fazer outro torcedor se levantar, seja porque não haverá outro lugar para se posicionar, em caso de estádio cheio, ou porque não se pode procurar assento em outra região da arquibancada. Funcionam portanto como dispositivos disciplinares, normatizando os corpos dos torcedores ao movimento de sentar-se e levantar-se em momentos de extrema necessidade.

As câmeras de vigilância, na Minas Arena, ao mesmo tempo que identificam os baderneiros, também divertem os torcedores com a “câmera do beijo” durante o intervalo, que mostra casais dentro de um coração, até que estes se percebam filmados e se beijem, avisando de forma romântica que todos ali estão sob o escrutínio do olho de todos os que estão no estádio. Ao “compartilhar” a vigilância com os próprios torcedores, tais artefatos se configuram como dispositivos de controle, ao instituir uma observação que pode ser até desejada e procurada propositalmente por quem é vigiado, na ânsia de participar de um espetáculo voyeur menor, dentro do espetáculo futebolístico.

Sob o argumento da segurança e do conforto, são instituídas modificações no espaço do estádio que permitem não só cobrar mais caro pelo ingresso unitário de cada torcedor, mas também controlam ou apaziguam os afetos dos torcedores, que passam a torcer de forma “civilizada”. Assim, são reduzidos os riscos do amor pelo esporte, ou por um clube: um torcedor de paixões calmas não se envolve em brigas e pode ir trabalhar no dia seguinte à partida de futebol; também não pedirá folga do trabalho ou forjará doença para acompanhar o time em partidas em outras cidades.

Assim, articulados a estes dispositivos disciplinares e de controle, “que são do domínio da vigilância, do diagnóstico, da eventual transformação dos indivíduos” (FOUCAULT, 2008, p. 8) vemos operar nos estádios uma série de dispositivos de segurança, calcados na lógica da probabilidade, do cálculo de custos e dos riscos, e na delimitação de um limite aceitável além do qual os perigos não devem avançar. Neste sentido, a limitação do acesso de veículos e de pessoas aos estádios, condicionada ao porte de ingressos ou credenciais, justifica-se pela

diminuição das probabilidades de atraso do público para a partida. Campanhas de Fair Play (jogo limpo) ou contra violência nas arquibancadas^{viii} visam diminuir o risco de violência dentro e fora dos campos. A delimitação de trajetos diferentes para as torcidas adversárias ao chegar aos estádios conforma-se como uma técnica “de organizar a circulação, de eliminar o que era perigoso nela, de separar a boa circulação da má, maximizar a boa circulação diminuindo a má” (FOUCAULT, 2008, p. 24). Os planos de negócios para os estádios, eliminando sua exclusividade para partidas de futebol, além dos programas de sócio torcedor que visam a garantir virtual ocupação dos lugares nos jogos, garantindo sua própria viabilidade e “saúde” econômica, “é ao mesmo tempo uma análise do que acontece e uma programação do que deve acontecer” (FOUCAULT, 2008, p. 53). Enfim, vê-se nestas transformações empreendidas no futebol pela realização de uma Copa do Mundo, em seu momento de implementação, uma série de articulações entre dispositivos disciplinares, de controle e de segurança, evidenciando a convivência de temporalidades diferentes na administração das paixões dos torcedores de futebol, com o objetivo de capturar, otimizar e capitalizar o comum do amor pelo esporte a fim de produzir lucros que retornem os investimentos realizados.

Não queremos, contudo afirmar que o esporte determina-se pelas forças econômicas que sobre ele atuam. As relações entre esporte e economia são disputas, onde ao mesmo tempo em que esta busca se apropriar da vitalidade daquele, a prática do primeiro delinea linhas de fuga do segundo. Uma pista para isto são as possibilidades de produção de uma multidão que celebra a vitória de uma equipe, e nesta festa exhibe toda a ferocidade que pode dirigir a outras esferas da vida social. É interessante notar que muitos dos gritos utilizados nas manifestações e passeatas políticas que tomaram o Brasil durante e logo após a Copa das Confederações, têm suas origens ou apropriam-se de canções e “gritos de guerra” gestados nos estádios de futebol, como veremos a seguir. Em palavras de Wisnik:

O quadro traçado indica o lugar único que o futebol acabou por ocupar no mundo contemporâneo. É um lugar amplamente exposto à violência entre iguais, à guerra horizontal de classes, ao dilaceramento social e à anomia, que encontram nele um ponto de descarga. Exposto igualmente a todas as manobras da publicidade capitalista, é ainda assim, o lugar onde se encontra algo que falta ao ‘cotidiano capitalista’, (...) ou algo que não se encontra facilmente no mundo: um código simbólico reconhecível, capaz de expressar e atravessar as diferenças culturais, a postulação e a superação da concorrência na forma de um jogo-rito, a *quadratura do circo*, mesmo no limite da sua inviabilização. (WISNIK, 2008, p. 429)

Avaliar desta forma a relação entre futebol e economia capitalista é “ver o esporte como *instrumento* de crítica, em vez de alvo” (GUMBRECHT, 2007, p. 30), na medida que permite perceber, a passagem de um momento em que “não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens” (FOUCAULT, 1999, p. 179), para um outro no qual “a forma em

rede impõe-se a todas as facetas do poder” (HARDT e NEGRI, 2005, p. 95).

A Copa das Manifestações:

Durante a Copa das Confederações (evento preparatório para a Copa do Mundo) no Brasil, em junho de 2013, diversas manifestações tomaram as ruas do país, reunindo uma grande variedade de pessoas, cada uma com suas próprias reivindicações, entre eles: movimentos sociais bradavam em favor a suas respectivas causas, seja o direito ao transporte público de qualidade; o direito a moradia, aviltado pelas obras de mobilidade urbana ou dos equipamentos urbanos para a Copa do Mundo; seja pela não remoção da população de rua, durante o evento; grupos GLBT e feministas demonstravam sua preocupação pelo avanço de políticos conservadores, além de lutar por direitos individuais; médicos reivindicavam melhores condições de trabalho; e uma grande quantidade de jovens saía às ruas pela primeira vez em suas vidas, sintetizando o desfile de uma miríade de interesses, vestidos de branco ou com as cores do Brasil. Temerosos de que sua presença fosse apropriada por qualquer partido político ou movimento social, estes últimos entoaram o grito “sem partido” incansavelmente. Tais movimentos foram organizados de maneira descentralizada, pela internet, evidenciando que “os grupos não se apresentam unidos sob qualquer autoridade única, antes se relacionando numa estrutura de rede” (HARDT e NEGRI, 2005, p. 125). No dia 22 de junho, acompanhamos uma destas manifestações na cidade de Belo Horizonte, que percorreu doze quilômetros, da Praça Sete de Setembro, localizada no centro da cidade, até o estádio do Mineirão, na região da Pampulha, e que reuniu, segundo estimativas otimistas, cem mil pessoas.

Caminhamos junto aos movimentos sociais de esquerda, próximo ao conjunto percussivo que puxava os “gritos de guerra” e as reivindicações repetidas por aquela região da passeata. Desta maneira, observamos a dinâmica de emissão sonora neste setor da manifestação. Uma nova música ou grito era, como de costume neste tipo de evento, apresentado por uma pessoa na banda enquanto os instrumentistas silenciavam. A letra então era repetida pelos instrumentistas, para que as pessoas em volta soubessem o que será cantado/gritado. Em seguida, os instrumentistas tocavam com pouca intensidade e logo após, aumentavam a intensidade da execução. Os gritos e músicas são apropriados de repertórios do cancionário popular, marchas e gritos e canções de carnaval e de estádio de futebol. As letras são adaptadas a partir das demandas do momento.

Importante notar como se dá a negociação e a disputa em torno dos gritos e das músicas. Por um lado, as canções e palavras entoados pela banda encontram mais facilmente ressonância nos grupos menos organizados que a circundam. Para tanto, basta que pessoas de fora da banda ecoem o que ela canta, de forma a repassar para quem está de fora o que se canta. Como há muitas pessoas na manifestação que nela participam aparentemente pela “farra”, estas pessoas parecem ser facilmente contagiadas pelo que se grita. De outro lado, alguns temas propostos pelas pessoas de fora são imediatamente rechaçados pela banda,

tais como corrupção e hospitais.

Neste sentido, um episódio que se repetiu diversas vezes durante a marcha é bastante significativo. Um dos integrantes da banda trazia consigo um spray vermelho, com o qual pichava a frase “Queremos metrô” em diversos muros. Pessoas vestidas de branco ou de verde e amarelo tentavam puxar o grito “Sem vandalismo” (com melodia próxima ao tradicional “Vai tomar no c...”, ouvido nos estádios), ao que a banda respondia com o grito “Sem moralismo”. A proximidade sonora dos dois gritos fazia com que aqueles que gritavam “Sem vandalismo” adotassem o grito “Sem moralismo”. O contágio se dava a partir da apropriação de um grito da posição política contrária, modificada a partir da sonoridade das palavras. Para fechar a disputa de maneira vitoriosa, quando os de branco e os vestidos com as cores da bandeira do Brasil paravam de gritar “Sem moralismo”, a banda emendava o seguinte grito, seguindo a melodia do também tradicional nos estádios “Não é mole não...”: “Pode pixar sem dó/violência é o outdoor” (*sic*). Em seguida, vinha uma música de apoio à construção do metrô. Algumas moças que se encontravam ao redor da banda, vestindo jaleco de médico, disseram, em uma ocasião, que elas não queriam só metrô, mas também hospitais, gritar contra a corrupção e cantar o hino nacional. Alguns instrumentistas da banda retrucaram que era no estádio - lugar privilegiado para a expressão nacionalista, como mostram os casos das Olimpíadas de 1936 em Berlim, a Copa do Mundo de 1978 na Argentina, ou o uso do Estádio Nacional de Chile como espaço da tortura de dissidentes pelo governo Pinochet, em 1973 - que se cantava o hino.

Estes confrontos de letras de música e apropriações de repertório evidenciam o caráter político das manifestações. Ao se encontrarem nas ruas, pessoas com visões ideológicas diferentes se enfrentam usando gritos de guerra e paródias de canções populares com dizeres que evidenciam sua posição frente às questões do país. Neste sentido, sair para a rua representa “sair do armário”. Assim, passam a conhecer o que pensam e quem são seus adversários políticos; o que desvela as disputas. Constitui-se também uma cisão espacial entre o espaço da rua, onde o comum das reivindicações se expressa de maneira a esboçar, em alguns momentos, a constituição da multidão, e o espaço do estádio, onde o comum é passível de apropriação em favor dos valores ligados à organização da Copa das Confederações e de seus patrocinadores, da imagem do Brasil construída no imaginário estrangeiro como a Pátria de Chuteiras, que continua cantando o hino nacional a capela, ainda que a banda cesse de executá-lo, como visto na partida entre Brasil e México. Tais processos também evidenciam que o comum possui a ambivalência de fechar fronteiras de grupo e ao mesmo tempo permitir a comunicação entre identidades diferentes, servindo tanto para a formação do povo, quanto da multidão.

Chegando aos limites da área sob controle da FIFA a confusão começou. Na frente da portaria da UFMG bombas que explodem, helicópteros da polícia fazem vôos rasantes. Iniciam-se gritos de “Sem violência” e “A polícia chegou/violência começou”. Pessoas de branco, sentadas, pedem para que sentemos

também, para que a polícia “identifique os vândalos”. Nestas cenas de guerra civil, materializa-se o “estado de exceção” referido por Giorgio Agamben (2004), latente desde a promulgação da Lei da Copa^{ix}, que regula questões relativas à realização do evento no país, testado em Belo Horizonte, no dia 17 de junho, quando uma primeira passeata tentara chegar ao estádio do Mineirão, e repetido no embate que agora se reencenava, o que aponta para o fato de que tal desfecho bélico estava previamente roteirizado – militares da guarda nacional esperavam os manifestantes escondidos dentro da Universidade. Inicia-se, em seguida certo jornalismo enviesado, que, a todo momento, tenta separar os verdadeiros ativistas, aqueles vestidos de branco ou com a bandeira do Brasil, que cantam o hino nacional e esbravejam contra a corrupção e os partidos; dos vândalos, identificados com os movimentos sociais e com os anarquistas ou com toda uma categoria de “desqualificados” que insistem em tentar invadir o estádio, e no caminho batalham contra a violenta polícia, buscando “jogar um contra o outro, o social contra o político, a justiça contra a liberdade” (HARDT e NEGRI, 2005, p.115). Nos noticiários, a multidão se torna decomponível em povos, ainda que a desordem engatilhada a partir da repressão da manifestação lhe confira aspecto massa.

Conclusão

Assim como percebemos articulações de diferentes temporalidades nas formas como os fluxos de capital buscam se apropriar do comum produzido pelos torcedores no espaço do estádio de futebol, percebemos também o mesmo processo e contradições nas formas como os cidadãos se organizaram para confrontar tais forças. Se por um lado, organizam-se manifestações a partir do uso da internet, por meio das redes sociais, de maneira horizontalizada, as formas como tais manifestações se materializam articulam práticas condizentes a esta descentralização, mas também contrárias a elas. Em determinados momentos práticas de contágio são acionadas, apropriando-se de repertórios já dados, muitas vezes de sentido contrário, como forma de produzir uma multidão que age em um sentido comum, como acontece quando determinadas palavras de ordem são modificados dentro da própria manifestação. Em outros, vê-se presente as antigas estratégias de protesto: 100 mil pessoas se reúnem e caminham juntas, rumo a um mesmo destino, como um povo em peregrinação rumo a terra prometida, como se o espaço do estádio de futebol fosse o único tomado pela Copa do Mundo, que, na verdade, empreende modificações e ocupa toda a cidade, seja nas obras de mobilidade, seja nos espaços de comemoração de vitória, indo de encontro às formas como Hardt e Negri caracterizam as estratégias de enfrentamento das multidões:

Sos guerrilheiros urbanos conhecem seu terreno de forma capilar, de modo que podem a qualquer momento unir-se para atacar e em seguida dispersar-se, desaparecendo em seus esconderijos. (...) o foco não estava em atacar os poderes dominantes mas em transformar a própria cidade (HARDT e NEGRI, 2005, p. 119).

Talvez, tal forma de prática política se realizaria se, a partir da vitória da seleção brasileira de futebol contra a Espanha, na final da Copa das Confederações, realizada no dia 30 de junho de 2013, a população houvesse saído às ruas - ocupando não mais um território a ela proibido, mas toda a cidade - para comemorar tanto o campeonato conquistado, quanto para reivindicar demandas e espaços de diálogo, além de celebrar a conquista de direitos já realizada.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BADIOU, Alain e TRUONG, Nicolas. *Elogio ao Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, volume 1*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BURBANK, Mathew J., et alli. *Mega-events, urban development and public policy*. In *The Review of Policy Research*, Toronto: Ryerson University/ Wiley, v. 19, n.3, pp. 179-202, Fall, 2002.
- CRUZ, Antônio Holzmeister Oswaldo. *A Nova Economia do Futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade federal do Rio de Janeiro, 2005.
- DA MATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: ed. Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- DAMO, Arley Sander. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- _____. *Paixão Partilhada e Participativa – o caso do futebol* in *História: Questões e Debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 57, pp. 45-72, jul/dez. 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da Belza Atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antônio. *Multidão. Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2005
- IHDE, Don. *Listening and Voice: Phenomenologies of Sound*. New York: State University of New York Press, 2007.
- JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LABELLE, Brandon. *Acoustic Territories: sound Culture and everyday life*. London: Continuum International Publishing Group, 2010.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de futebol*. Campinas:

Autores Associados/Anpocs, 1996.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio – O Futebol no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

I Mote de uma faixa presente em manifestações contra a Copa do Mundo 2014, presente em passeatas em Belo Horizonte e Rio de Janeiro, que dizia UNFAIR PLAYERS – FIFA – POLICE – ANASTASIA (em BH)/CABRAL (Rio de Janeiro), traduzindo: JOGADORES DESLEAIS – FIFA – POLÍCIA – ANASTASIA/CABRAL.

II A partida terminou com vitória do Club de Regatas Vasco da Gama, por 2 x 1. A avalanche realizada nesta partida pode ser vista no youtube, no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=Nv8Vldq7U70>. Última visualização em 16/07/2013

III A imagem pode ser vista no youtube, no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=2xlZaYWegYw>. Última visualização em 16/07/2013

IV Todas as traduções de referências em língua estrangeira são de nossa autoria.

V Uma listagem completa das exigências da FIFA para os Estádios da Copa do Mundo pode ser obtida em: <http://www.portal2014.org.br/noticias/1125/CONHECA+AS+EXIGENCIAS+DA+FIFA+PARA+OS+ESTADIOS+DA+COPA.html>. Consultado pela última vez em 26/06/2013.

VI Dados obtidos em http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Raimundo_Sampaio, consultados pela última vez em 26/06/2013.

VII Dados obtidos em http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Governador_Magalh%C3%A3es_Pinto, consultados pela última vez em 26/06/2013.

VIII Um exemplo de campanha deste tipo, veiculada no estado de Minas Gerais pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Vq0RJRERq0>. Última visualização em 20 de Março de 2014.

IV Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12663.htm. Consultado pela última vez em 16/07/2013.